


**Sen, Sudeep (2021). *Anthropocene: Climate Change, Contagion, Consolation*
Londres: Pippa Rann Books & Media and
Penguin Random House. 176 pp.**

 <https://doi.org/10.21814/anthropocenica.3658>

João Ribeiro Mendes

Departamento de Filosofia, Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas, Universidade do Minho
Portugal
jcrmendes@elach.uminho.pt
ORCID: 000-0003-3731-2246

O autor da obra aqui recenseada, Sudeep Sen, agora com 57 anos de idade, nasceu na metrópole de Deli, na Índia, onde também passou grande parte da sua vida, com exceção da primeira década deste século em que residiu no Bangladesh. Foi a sua experiência de habitar nessas regiões de reconhecida adversidade natural que eventualmente o inspirou a escrever sobre fenómenos climáticos e ambientais.

Sen redigiu-a durante o período inicial do “confinamento” decretado pelo primeiro-ministro Narendra Modi a 24 de março de 2020, que durou 21 dias, em resposta à crise sanitária provocada pela COVID-19. O estímulo terá vindo da solicitação, ao tempo, do editor do *The Indian Express* para que redigisse um texto reflexivo sobre a situação pandémica em curso. Preferiu, antes, enviar um poema, intitulado “Love in Time of Corona” que, a despeito de não ter correspondido ao pedido, foi, com a surpresa do próprio autor, publicado a 5 de abril de 2020, encontrando-se reproduzido no início da terceira parte deste *Anthropocene: Climate Change, Contagion, Consolation*.

Como ele mesmo declara no prólogo que antecede a série de poemas que compõe a obra, intitulado “The role of the artist is not to look away”, onde leva a cabo uma meditação sobre o compromisso moral do escritor e dos artistas em geral, a situação que então viveu pareceu-lhe semelhante à da sua rotina nas três décadas anteriores, como pessoa voluntariamente autoisolada, por longos períodos de tempo, no mundo de ideias, de livros e artefactos literários que é o seu gabinete de trabalho em casa, para se dedicar à escrita.

No entanto, constatou com perspicácia, essa experiência inédita de um país inteiro fechado em casa, sem transportes nas ruas, com os negócios encerrados e as indústrias paradas, permitiu que, muito rapidamente, Deli

começasse a exibir sinais de estar a regenerar-se: ar mais limpo, céu azul durante o dia e estrelado à noite, silêncio, regresso de abelhas, borboletas e pardais. Isso deu-lhe a oportunidade de passar longas horas no terraço da sua casa a fotografar os céus diurnos e noturnos. Uma seleção das fotografias que então colheu encontra-se incluída na quinta parte da obra: “Atmosphere-Skyskapes”.

Para além do prólogo e da quinta parte acabados de referir, a obra tem mais seis partes e um epílogo, que dão expressão, o autor o confessa (p. 21), a uma tendência na sua produção literária, muito inspirada pela natureza, para ir incorporando avisos sobre as eventuais mudanças irreversíveis no clima da Terra, uma dimensão ecocrítica portanto. Ele promete ao leitor neste livro:

(...) you will experience the wider (and my personal) struggle with pollution and co-morbidities; the sharp rise and fall in atmospheric pressures, unusual heat spikes; unseasonal rain and hailstorm; invading oceans swallowing up coastlines around the world; floods; cyclones, devastation; illnesses – physical and psychological. (p. 21).

E, com efeito, a segunda parte engloba 18 poemas, a maioria deles sobre fenómenos climáticos extremos, suas causas e seus efeitos: escassez de água, aquecimento global, subida do nível dos mares, alterações climáticas, secas, poluição, ondas de calor, degelo das calotas polares, tempestades de poeira, chuvas torrenciais. O poema inicial, “i.e. (that is)”, estabelece uma ligação entre o título dessa parte, “*Anthropocene-Climate change*”, e os restantes 17 poemas que se afiguram declinações do conceito. Note-se que, seguindo Leslie Sklair em *The Anthropocene in Global Media: Neutralizing the Risk* (Londres: Routledge, 2020), “alterações climáticas” deve ser entendida como uma expressão metonímica de “Antropoceno”, empregue para diminuir a estranheza ou não familiaridade com o último. A esse respeito, Sen, ainda antes do prólogo, incluiu a transcrição da definição lexical do termo que se encontra no website da Oxford University Press *Lexico*, denotativo da atual era geológica em que a atividade humana se tornou na influência predominante sobre o clima e o ambiente, usado ora como substantivo (o Antropoceno), ora como adjetivo (época antropocénica).

A terceira parte, “*Pandemic-Love in the time of Corona*”, versa sobre questões centrais da existência humana que a pandemia causada pelo SARS-CoV-2 recolocou na sua forma aguda: sofrimento, morte, sentido da vida.

A quarta parte, “*Contagion-Corona Red*”, é dedicada aos múltiplos sentidos do contágio e à descrição das agonias físicas, mentais e espirituais vividas sob a infeção do SARS-CoV-2, da sua superação e, em última instância, do sentimento de humildade antropológica que resgata, belamente expresso no fragmento de prosa com que encerra:

Our life on this earth is miniscule, just one brief instant. In the cloistered safety of my study I dream and create – unformed,

embryonic dreams, waiting to be shaped and crafted. Etched in stylised *nastaliq* loops, slanted lithe ascenders and descenders dance – now, even tarnished gold will glow anew (p. 95).

A sexta parte, “*Holocene-Geographies*”, é, ao mesmo tempo, um estranho obituário de um processo de transição de uma relativamente estável época geológica para uma outra que cada mais parece ser a sua antítese e uma recordação melancólica de uma Terra outra. Porém, como conclui, «Life’s dance continues – with or without us – // *only in the understanding of what is, // is there freedom from what is*» (p. 122).

A sétima parte, “*Consolation-Hope*”, reafirma o poder salvífico do amor e a necessidade de mantermos aberto o horizonte da esperança nestes tempos pandémicos. É por isso que ela principia com uma citação de Simone Weil, «Love is not consolation. It is light» (p. 123) e termina com o haiku “Ash Smoke”: «something still remains – // otherwise from ashes, smoke // would not rise again» (p. 141).

A última parte, “*Lockdown. Reading | Writing*”, combina poemas e fotografias para uma reflexão sobre o *métier* de escritor, a importância do silêncio interior numa cidade ruidosa, a poesia como necessidade vital – «For me, poetry is omniscient, poetry is life, poetry in its widest sense is a way of living» (p. 153) – a urgência de substituímos o tagarelar pela escrita.

Sen recorre a uma ampla variedade de formas literárias, que passam pelo verso formal, verso livre, poema em prosa, poema visual, haiku, prosa fragmentada, etc. Serve-se dessa versatilidade para, por exemplo, no poema “Amaltas” (p. 36), nos fazer ver as folhas amarelas dessa árvore – nome científico: *Cassia fistula*; conhecida entre nós como “Chuva de ouro” – drapejarem num quente dia de verão em Deli; ou no poema “Indian Skies: Cinquain Diptych” (p. 133), onde através de duas quintilhas apresenta uma bela descrição efrástica de um díptico – é isso um “diptych”, um objeto artístico com duas peças – onde exprime a necessidade da chuva vir aplacar a sede dos solos. Todavia, são em especial os “Corona haiku” (pp. 57-59) que mais claramente mostram como a consegue usar também para a crítica política, porquanto cada um desses vinte pequenos poemas censura a ineficácia e a insensibilidade do governo indiano perante a crise pandémica.

É claro que, por vezes, não podemos deixar de sentir que o livro de Sen foi escrito para uma elite, precisamente a que aprecia mais essas coisas belas, como poemas e peças de arte, e parece menos sensível aos problemas climáticos, ambientais, ecológicos. Trata-se, no entanto, de um livro de Estética ou, melhor, de uma nova Estética, ainda incipiente, para este tempo antropocénico, no qual a nossa sensibilidade é quase diariamente afetada pela desolação, a ruína, o desastre, a catástrofe, elementos de um novo campo de experiência “normal”.

A obra termina com um epílogo, “*Prayer*”, desdobrado numa meditação, numa prece e num canto. Ele faz jus ao invocado por Sen no prólogo: que esta sua obra, ainda que envolvida nalgumas das questões mais prementes que a Humanidade enfrenta no tempo presente, nomeadamente as alterações climáticas e a pandemia da COVID-19, procura ser, em última instância «a prayer for positivity and hope» (p. 22), um rogo para que mudemos radicalmente o nosso modo de vida, desacelerando, abrandando, sendo mais frugais, mais altruístas, mais solidários, mais responsáveis uns pelos outros.

Enfim, não se pode dizer que o modo como Sen perspectiva e dá a perceber o Antropoceno diste muito de uma imagem estereotipada do mesmo. Consegue fazê-lo, porém, com uma vivacidade e uma intensidade que não encontramos em manuais científicos ou ensaios filosóficos a seu respeito. E é isso que o torna diferente e valioso: revelar-nos com artes poéticas os contornos de um processo epocal em que o nosso mundo parece cada vez mais deslembrado de utopias benévolas e felizes e não cessa de adquirir sempre mais as feições de uma triste e inumana distopia.